

Integração entre acadêmicos de medicina e centro de acolhimento a pessoas dependentes químicas: um relato de experiência

Agnes Vieira Gonçalves de Avelar¹; Daniel Castro dos Santos¹; Isadora Brito Freire Teixeira Silva¹; Laura Queiroz Camargos Lopes¹; Marcos Vilela Filho¹; Maria Isadora Rodrigues de Brito¹; Humberto graner Moreira²; Helem Teles de Oliveira²; Constanza Thaise Xavier Silva²

1. Discente do curso de Medicina do Centro Universitário UniEVANGÉLICA.

2. Docente curso de Medicina do Centro Universitário UniEVANGÉLICA.

RESUMO: A dependência química é um estado mental e físico que causa compulsão pelo uso de drogas para aliviar o desconforto da abstinência, prejudicando a vida social e familiar do indivíduo. Desse modo, deve ser considerada uma doença crônica e um problema de saúde pública, requerendo programas terapêuticos individualizados que tratam causas e sintomas da dependência. Assim, comunidades de acolhimento são primordiais no cuidado aos adictos, visto que promovem reabilitação física, mental e reintegração social. Logo, este trabalho tem por objetivo relatar a experiência dos acadêmicos de medicina de uma instituição privada de Goiás em relação à vivência de dependentes químicos em recuperação em um centro de acolhimento. Os acadêmicos do 2º ano, realizaram uma visita em um centro de acolhimento, Esquadrão Resgate, localizado na zona rural de Planalmira (GO), acompanhados pelas docentes do módulo de Humanidades e Comunicação, com o intuito de conversar e de ouvir experiências de aproximadamente 45 homens adictos, de idades entre 18 e 60 anos, presentes no programa. Durante a visita, o que mais nos impactou foi a dificuldade relatada pelos diretores em obter atendimento médico na Atenção Básica (AB) para residentes em recuperação de vícios, contrariando os princípios do Sistema Único de Saúde (SUS). Esse problema é agravado pela falta de capacitação dos profissionais da AB, preconceitos e estigmas, além do medo de associações negativas. Ademais, a visita também destacou a importância da espiritualidade na recuperação de dependentes químicos, revelando a necessidade de incluir essa perspectiva no cuidado à saúde. Logo, a integração entre acadêmicos de medicina e centros de acolhimento dependentes químicas é crucial para uma formação médica mais completa e compassiva, capaz de lidar com os desafios enfrentados por esses indivíduos, além da conscientização acerca dos prejuízos sociais causados pelo uso indevido de drogas e da necessidade de superar preconceitos presentes na prática médica.

Palavras-chave:

Dependência química.
Estudantes de medicina.
Saúde pública.

INTRODUÇÃO

A dependência química caracteriza-se como um estado mental e, frequentemente, físico que resulta da interação entre um organismo vivo e uma droga, gerando a compulsão por usar a substância e experimentar seu efeito psíquico, com o intuito de aliviar desconforto provocado por sua ausência¹.

Ademais, ressalta-se que ela deve ser tratada simultaneamente como uma doença crônica e como um problema social, uma vez que, além da necessidade de buscar constantemente a droga, a drogadição causa mudanças acentuadas na interação do indivíduo com seus familiares e com pessoas do convívio diário, afetando as relações sociais e até mesmo profissionais do dependente².

Além disso, é importante ressaltar que a característica primordial da dependência de substâncias corresponde à presença de um conjunto de sintomas cognitivos, comportamentais e fisiológicos, que evidencia que o indivíduo continua a utilizar uma determinada substância, apesar dos problemas significativos relacionados à mesma, tanto em termos de saúde quanto pessoais e sociais³.

Desse modo, existe um padrão de autoadministração repetida, o qual geralmente resulta em tolerância, abstinência e comportamento compulsivo de consumo da droga. Assim, é necessário identificar e tratar os sintomas e detectar as consequências e os motivos que levaram o indivíduo a tal dependência, analisando o dependente em sua totalidade, para oferecer referenciais e subsídios que gerem mudanças de comportamento em relação às drogas⁴.

Dados mostram que mais de 296 milhões de pessoas usaram drogas em 2021 globalmente, apresentando um aumento de 23% em relação à década anterior, e que o número de pessoas que sofrem transtornos associados ao uso de drogas subiu para 39,5 milhões, o que significa um aumento de 45% em dez anos⁵. No que tange o Brasil, esse quadro se equivale, uma vez que 3,2 % dos brasileiros são dependentes do álcool e 0,8% da população, incluindo os sexos feminino e masculino e a faixa etária de 12 a 65 anos, apresenta dependência de alguma droga ilícita⁶.

Dada a complexidade e os diversos fatores associados ao uso de substâncias atualmente, a implementação de programas terapêuticos para pessoas com dependência química requer uma abordagem individualizada, uma vez que não há um modelo único que se aplique a todos os pacientes de forma adequada. No cenário atual, estão sendo adotados diferentes tipos de tratamento para lidar com a dependência química, como intervenções médicas, abordagens comportamentais, terapias psicológicas, intervenções psiquiátricas e grupos de apoio mútuo⁷.

A dependência química representa um desafio significativo para a saúde pública, refletindo em uma crescente demanda por serviços de recuperação em diferentes contextos de cuidados de saúde, como hospitais, ambulatórios e Comunidades Terapêuticas (CT). Este transtorno é conhecido por apresentar altos índices de recaída, destacando a importância da motivação do paciente e do suporte familiar como fatores cruciais para manter a abstinência a longo prazo⁸.

As comunidades de acolhimento a pessoas dependentes químicas têm como objetivo principal proporcionar cuidados de saúde de longo prazo para adultos com necessidades clínicas estáveis, oferecendo um ambiente que visa à reabilitação do dependente químico por meio da modificação de comportamentos. Essas instituições realizam uma variedade de intervenções, como reabilitação física e mental, busca pela recuperação e reintegração social do indivíduo por meio de programas terapêuticos

adaptados às necessidades específicas de cada paciente, incluindo atividades de laborterapia, interação comunitária, capacitação profissional, eventos culturais e religiosos, entre outras opções⁹.

Nesse contexto, os acadêmicos de medicina, enquanto futuros profissionais a lidar com pessoas, seja lá quais forem suas queixas, têm um papel indispensável no processo de empatia, compreensão, prevenção e tratamento. O contato direto com os residentes das comunidades terapêuticas permite aos acadêmicos entenderem melhor as complexidades da dependência química, bem como os desafios enfrentados pelos indivíduos nessa situação. Além disso, ao interagir com profissionais e pacientes em ambientes terapêuticos, os acadêmicos podem aprender sobre diferentes abordagens de tratamento, programas de reabilitação, terapias de suporte e estratégias de prevenção de recaídas. Isso amplia sua visão sobre o espectro de cuidados necessários para pacientes com dependência química.

Assim, esse trabalho tem por objetivo relatar a experiência dos acadêmicos de medicina de uma instituição privada do estado de Goiás em relação a vivência de pessoas dependentes químicos em recuperação em um centro de acolhimento.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

Os alunos do curso de medicina do 2º ano, realizaram uma visita em um centro de acolhimento chamado Esquadrão Resgate (Figura 1), localizado na zona rural de Planalmira (GO), acompanhados pelas docentes do módulo de Humanidades e Comunicação. A finalidade da visita era conversar e ouvir experiências de aproximadamente 45 homens adictos presentes no programa. A proposta oferecida pelo Esquadrão Resgate é direcionada a homens de 18 a 60 anos e consiste em 9 meses de tratamento em busca da reabilitação e reinserção social, possibilitada pelo auxílio governamental mensal de 2.000 reais por adicto.



Figura 1: Fachada de entrada da instituição do Esquadrão Resgate.

Fonte: Arquivo pessoal.

Nesse projeto, há o apoio de psicólogos e médicos para o cuidado da saúde. Além disso, o culto na capela é realizado todos os dias, sendo um dos pilares da recuperação, e durante o dia a sala de oração (Figura 2) fica disponível para aqueles que desejam fazer o devocional individual. Outros dos pilares

consistem em música, esporte e jogos em grupo, que possibilitam maiores interações e criação de vínculos entre os participantes.



Figura 2: Espaço em que os adictos realizam devocional e estudo bíblico diário.

Fonte: Arquivo pessoal.

Nesse sentido, a música é promovida pelo grupo musical composto por adictos e ex-adictos, que cantam louvores durante os cultos lá realizados, já o esporte (Figura 3) é voltado principalmente para o futebol, onde realizam alguns campeonatos com premiações. Outrossim, o projeto ainda conta com espaço para academia (Figura 4), onde os homens podem se exercitar como forma de melhorar a saúde, e ainda, promover a restauração do equilíbrio mental.



Figura 3: Sala de troféus recebidos em campeonatos de esportes praticados pelos adictos. **Fonte:** Arquivo pessoal.



Figura 4: Academia local em que os residentes praticam atividades físicas. **Fonte:** Arquivo pessoal. **Fonte:** Arquivo pessoal.

Ademais, além das atividades de lazer e distração, o projeto valoriza muito a disciplina como forma de vencer os vícios e preservar o local. Nesse viés, são realizadas tarefas como limpeza, organização do alojamento, plantação de verduras na horta e estudos (Figura 5), uma vez que contam com professoras e salas de aula para continuação do ensino. Em relação à alimentação, possuem 4

refeições diárias, preparados pelas cozinheiras do local, realizadas sempre no mesmo horário, sendo elas café da manhã, almoço, lanche da tarde e jantar.



Figura 5: Sala de aula em que os adictos se alfabetizam e tem ensino regular para formação do ensino fundamental e médio. **Fonte:** Arquivo pessoal.

Inicialmente, em nossa chegada ao projeto, fomos recebidos com louvores (Figura 6) cantados pela banda do projeto, composta pelos homens em tratamento e outros que já concluíram seus 9 meses. Posteriormente, um dos primeiros homens a se recuperar no Esquadrão Resgate, que atualmente cuida e auxilia na organização, testemunhou como foi esse longo processo, o que nos impactou muito e nos tocou de forma grandiosa. Após esse momento, nos direcionamos a conhecer melhor o ambiente em grupos de alunos e fomos acompanhados por um ex-adicto em tratamento, que nos mostrou os locais e contou mais sobre o dia a dia deles.



Figura 6: Louvor de boas vindas ministrado pelos adictos em recepção aos acadêmicos de medicina. **Fonte:** Arquivo pessoal.

Ao final da manhã, nos juntamos para agradecer a oportunidade e o cuidado em nos receber com tanta disposição e afeto. Por fim, cantamos juntos e tivemos um momento de despedida, que nos emocionou bastante e deixou boas lembranças da experiência vivida.

DISCUSSÃO

Segundo a Política de Atenção Integral ao Usuário de Drogas¹⁰, a saúde pública no Brasil tem a obrigatoriedade de possibilitar a reabilitação e a reinserção social do usuário na comunidade através, principalmente, da atenção básica (AB). Essa prerrogativa é ainda mais reforçada pela Política de Atenção Básica¹¹, a qual estabelece o papel da AB como a porta de entrada para os serviços oferecidos pelo SUS, tendo como função identificar riscos de saúde prevalentes da população adscrita, sem exclusão de qualquer grupo, fornecendo atendimento para as necessidades e demandas de saúde locais, planejando estratégias de intervenção e promovendo articulações intersetoriais na rede de saúde. Dentre esses serviços incluem o cuidado, o diagnóstico precoce, o direcionamento a outros serviços e o tratamento multidimensional e multiprofissional das pessoas dependentes de substâncias¹⁰. Porém, é justamente a atenção primária o ponto do SUS que acaba sendo o mais frágil do sistema de saúde pública nos cuidados com esses indivíduos por diversos motivos¹².

Essa violação dos direitos de saúde dos usuários de drogas foi uma das histórias mais relatadas durante a visita na instituição, visto que os diretores abordaram a dificuldade em conseguir atendimento médico na AB mais próxima do local para os residentes que estão passando pelo processo de recuperação de seus vícios. Inclusive, a recusa dos médicos em atendê-los faz presente em sua realidade cotidiana. A constatação sobre a existência dessa explícita inequidade em saúde e discriminação, provocou estranheza aos acadêmicos, pois confronta os princípios do Sistema Único de Saúde (SUS) e das políticas citadas anteriormente.

Dentre os principais motivos para essa fragilidade na saúde pública, está a ausência de uma capacitação teórico-prática dos profissionais da AB para trabalhar com a população que sofre com algum tipo de dependência química¹³. A ausência da educação permanente sobre o tema, leva a preconceitos e estigmas que levam ao receio em atender essa população, levando a situações de omissão, indiferença e descaso como a relatada para nós na visita à comunidade terapêutica². Além disso, atrelado a esse preconceito existe o sentimento de medo que muitos profissionais sentem por relacionar o vício em drogas diretamente à delinquência do indivíduo e, como na maioria das vezes moram na mesma comunidade dessas pessoas, temem serem considerados suspeitos em casos de denúncia e sofrerem com violências. Assim, há uma dificuldade em se estabelecer um vínculo entre médicos, enfermeiros e agentes comunitários de saúde com os pacientes que enfrentam essa situação¹³.

Dessa forma, perceber que essa discriminação e omissão dos profissionais de saúde realmente existe, nos fez pensar se nós também, como acadêmicos de medicina, não possuímos esse mesmo tipo de preconceito e medos, até porque essa visita também nos levou a uma quebra da imagem do usuário de drogas que sempre vinha carregada de estereótipos negativos. Assim, percebemos a importância de as universidades incluírem em seus currículos conteúdos e atividades com a comunidade com a realizada pela UniEVANGÉLICA, para justamente levar seus acadêmicos a verem a realidade da saúde brasileira que perpetua disparidades e inequidades no cuidado da população justamente pela discriminação dos médicos e outros profissionais da área contra certos grupos invisibilizados pela sociedade¹⁴.

Além disso, outro ponto que chamou a atenção foi a importância da fé no processo de recuperação das pessoas com dependência química nessa comunidade terapêutica. Segundo o conceito atual de saúde usado mundialmente, a saúde não é apenas a ausência do estado de doença, mas o bem-estar físico, mental, social e espiritual dos indivíduos, o que mostra o reconhecimento que tem sido dado à esfera da espiritualidade que faz parte da complexidade de todo ser humano¹⁵. Tendo em vista isso, diversos estudos têm demonstrado o real impacto da espiritualidade e da religiosidade na recuperação de pessoas adictas, haja visto que, independentemente da religião, esse vínculo espiritual facilita a recuperação e reduz os índices de recaída dos pacientes que se submetem a tratamentos com esse viés^{15,16}.

Dentre os fatores que podem estar relacionados a esses resultados, pode-se afirmar que o fator espiritual motiva uma vida mais estável e equilibrada e auxilia nos momentos mais instáveis e de sofrimento que essas pessoas passam, tornando a situação mais humanizada¹⁵. Além disso, há autores que teorizam essa melhora pelo aumento do otimismo, a melhor percepção do suporte social, a maior resiliência ao estresse e a diminuição dos níveis de ansiedade. Aliado a isso, a religião lhes oferece condições de refazer vínculos de amizade pela realização de atividades voluntárias ocupacionais, que os afastam das drogas¹⁶.

Assim, a experiência relatada foi de grande valia para as formações pessoal e médica dos acadêmicos, uma vez que desencadeou reflexões acerca dos desafios enfrentados pelos adictos e permitiu o aprendizado acerca das abordagens que se adequem às necessidades específicas dos dependentes químicos no processo de reabilitação física, psicológica e social.

CONCLUSÃO

Logo, a integração entre acadêmicos de medicina e centros de acolhimento a pessoas dependentes químicas é crucial para promover uma formação médica mais completa e compassiva, capaz de lidar com os desafios enfrentados pela população em situação de dependência química. Este trabalho destaca não apenas a importância da conscientização sobre os prejuízos sociais causados pelo uso indevido de drogas, mas também a necessidade de superar preconceitos e estigmas presentes na prática médica. A experiência relatada ressalta a fragilidade da atenção básica no cuidado a dependentes químicos e destaca a importância da educação permanente e da inclusão de conteúdos relacionados à realidade da saúde brasileira nos currículos acadêmicos.

Além disso, nosso trabalho enfatiza o papel da espiritualidade no processo de recuperação, evidenciando a complexidade do bem-estar físico, mental, social e espiritual dos pacientes. Ao reconhecer esses aspectos, os acadêmicos de medicina são incentivados a promover uma abordagem mais humanizada e inclusiva no cuidado aos pacientes, contribuindo para reduzir as disparidades e iniquidades presentes na saúde pública.

REFERÊNCIAS

1. SCHIMITH, P. B; MURTA, G. A. V; QUEIROZ, S. S. A abordagem dos termos dependência química, toxicomania e drogadição no campo da psicologia brasileira. *Psicologia USP* v. 30 p. 1-9, 2019.
2. PINHO, L. B.; SINIAK, D. S. O papel da atenção básica no cuidado ao usuário de crack: opinião de usuários, trabalhadores e gestores do sistema. *SMAD: Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas*, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 30, fev. 2017.
3. SOBRAL, F. B. Dependência de drogas sob a perspectiva do comportamento operante. *RECIMA21 - Revista científica multidisciplinar* v. 3 n. 4, 2022.
4. LONGO, M. A. T. A. Dependência de Substâncias Psicoativas na Perspectiva da Comunidade Terapêutica. *UNOPAR Científica Ciência Biologia Saúde* n. 17 v. 4 p. 286-91, 2015.
5. UNITED NATIONS OFFICE ON DRUGS AND CRIME - UNODC. Relatório Mundial sobre Drogas 2023 do UNODC alerta para a convergência de crises e contínua expansão dos mercados de drogas ilícitas. Disponível em: <https://www.unodc.org/lpo-brazil/pt/frontpage/2023/06/relatorio-mundial-sobre-drogas-2023-do-unodc-alerta-para-a-convergencia-de-criises-e-contnua-expanso-dos-mercados-de-drogas-ilcitas.html>. Acesso em: 16 de maio de 2024.
6. FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ - FIOCRUZ. Pesquisa revela dados sobre o consumo de drogas no Brasil. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/pesquisa-revela-dados-sobre-o-consumo-de-drogas-no-brasil>. Acessado em: 16 de maio de 2024.
7. PRATA, E. M. M; SANTOS, M. A. O processo saúde-doença e a dependência química: interfaces e evolução. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. v. 25 n.2, 2009.
8. RIBEIRO, S. V. Dependência química: a busca por uma nova identidade através da motivação. São Paulo, 2018. p. 243-257, 2023.
9. SOUZA, K. S et al. Reinserção social de dependentes químicos residentes em comunidades terapêuticas. *Revista Eletrônica de Saúde Mental Álcool e Drogas*. v. 12 n.3 p.171-7, 2016.
10. BRASIL. Portaria n. 2.197, de 14 de outubro de 2004. Redefine e amplia a atenção integral para usuários de álcool e outras drogas, no âmbito do Sistema Único de Saúde - SUS, e dá outras providências. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.
11. BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº. 2.436, de 21 de setembro de 2017. Aprova a Política Nacional de Atenção Básica, estabelecendo a revisão de diretrizes para a organização da Atenção Básica, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). Brasília: Ministério da Saúde, 2017.
13. LAVEZZO, B. O. et al. Atenção psicossocial a usuários de álcool e outras drogas: um estudo dos profissionais de um município sul-brasileiro. *Trabalho, Educação e Saúde*, Rio de Janeiro, v. 21, 2023. PAULA, M. L. et al. Assistência ao usuário de drogas na atenção primária à saúde. *Psicologia em Estudo*, v. 19, n. 2, p. 223-233, jun. 2014.
14. BACH, C. N. et. al. Discriminações e preconceitos: temas que precisam de muito debate na formação dos profissionais de saúde. *Revista da ABENO* v. 22 n.2 p. 1729, 2022.
15. SILVA JÚNIOR, I. A. D. et. al. A influência da espiritualidade no tratamento da pessoa com dependência química. *A pesquisa em saúde desafios atuais e perspectivas futuras*. p. 243 -55, 2023.
16. SANCHEZ, Z. M.; NAPPO, S.A. A religiosidade, a espiritualidade e o consumo de drogas. *Revista de Psiquiatria Clínica*. v. 34, n. 1; p. 73-81, 2007.